

A invisibilidade do caboclo no Contestado: um olhar através da perspectiva ambiental (1936)

Ewelín Cristine Puhl

Mestranda no Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS - Campus Chapecó)

Marlon Brandt

Doutor em História e professor no Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS - Campus Chapecó)

Introdução

A região do Contestado em Santa Catarina foi palco de conflitos importantes no final do século XIX e início do século XX. Dentre a população local, encontram-se os indivíduos denominados de caboclos. Pesquisadores como Cordeiro (2020) analisam que após a guerra do Contestado, houve um discurso hegemônico dos militares e da elite local que ganhou expressão como a única versão aceita no período após o conflito, refletindo até hoje um processo de negação do caboclo na região. Este processo de invisibilização também está presente desde o processo de colonização da região.

Valentini e Radin (2011), trazem contribuições explicando que na colonização do sertão catarinense as representações foram relacionadas aos grupos indígenas e caboclos, identificados com tudo o que representava atraso e incivilidade, colocando a necessidade de superar este modo de ser - que não se inseria na perspectiva do progresso, de modernidade e da civilização almejados.

Este discurso de que o indivíduo caboclo não é detentor do progresso pode ser observada em uma matéria dentro da Revista de Educação publicada no ano de 1936, que traz a ideia da não sabedoria do caboclo para a utilização de terras, sendo uma visão contrária dada ao imigrante. A violência das companhias colonizadoras que migram ao Contestado no período pré-conflito e buscam o progresso regional, é vista através da mão-de-obra que estas empresas buscavam dentro das terras ocupadas (WERLANG, 1992 apud RAMOS, 2006, p. 183): a exploração de madeira e outras atividades ligadas a relação com o ambiente, como a

abertura de estradas e a “limpeza” do caminho das árvores derrubadas. Estas funções eram designadas aos caboclos.

Logo, é impossível não observar este grupo social sem analisar a perspectiva do trabalho. Os caboclos estão sempre ligados ao uso da terra e a forma na qual se configuram no espaço geográfico, possuindo ligações com a agricultura de subsistência e com o tropeirismo, o que não é uma característica de progresso dentro do século XX.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é identificar a relação de invisibilidade e violência sofrida pelos caboclos no Contestado, através de uma perspectiva que analisa o ambiente e a modificação da paisagem.

Metodologia

Para analisar o processo de invisibilidade do caboclo, é de grande contribuição a pesquisadora Arlene Renk que possui vasta bibliografia sobre estes indivíduos, sendo uma delas “A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense” que fora defendida dentro do programa de mestrado em Antropologia (UFSC) em 1990 e igualmente publicada como livro em 2006. Dentro deste trabalho, Renk (1990, p. 11) observa os apontamentos dados aos caboclos dentro do processo colonizador, que os atribuíam diversas características como a falta de higiene, a promiscuidade e também seu modo de viver em família e sociedade.

Esse processo de violência é trazido pelos pesquisadores Radin e Corazza (2018, p. 28), onde comentam que “a história oficial, muitas vezes silencia ou não confere a devida importância ao caboclo, que em certo momento representava a maioria da população do território”.

A relação com a terra no período pré-guerra, é analisado por Cordeiro:

Antes da guerra, a exploração econômica da erva-mate, principalmente dos fazendeiros do planalto norte, conferiu um elevado número de usurpações de posses e a expulsão violenta de sertanejos das terras de subsistência. Além disso, objetivando a

expansão fundiária para áreas que antes eram de mata fechada, mas transformadas em campos pela ação dos sítiantes, os grandes proprietários ofereciam preços irrisórios pela posse do outro ou simplesmente regularizam a terra em seu nome. Após as aquisições, revendem por valores muito maiores do que o custo obtido (Cordeiro, 2020, p. 38).

Os interesses pela expansão da terra e utilização do solo para outros fatores - se não a agricultura de subsistência - é presente e de grande interesse para o colonizador. Mas se a população cabocla contribuiu ativamente com o trabalho na região do Contestado, citado anteriormente, é contraditório que estes sejam - ao mesmo tempo - impedidores do que se visava como progresso da região.

A publicação em revistas locais como a Revista de Educação (1936), traz a ideia de que o caboclo não sabe utilizar a terra da mesma forma que o imigrante, pois não tem conhecimento específico para tal. Deste modo, este texto busca partir das perspectivas ambientais e de uma historiografia voltada à população invisibilizada, a compreensão do processo de violência que segue presente no Contestado até o período atual.

Resultados

A análise do caboclo dentro do espaço do Contestado precisa compreender os processos relacionados a terra e ao modo de existência destes indivíduos neste local. Com a chegada das companhias colonizadoras e suas ideias de progresso, os caboclos precisaram mudar seu modo de viver para se adaptar ao ambiente, observados pelos autores.

Este processo de violência resultante da luta por terras, é retratado por Cordeiro declarando que dos caboclos que sobreviveram a Guerra do Contestado, tudo foi tirado: a terra, o trabalho, os vínculos afetivos e sociais e a memória; o direito de ser lembrado por sua luta e seu sofrimento, pelas gerações que sucederam o povoamento (CORDEIRO, 2020, p. 28).

A história oral da região nos conta uma visão deturpada do caboclo mesmo atualmente, onde a população local possui dificuldades de enxergá-los como sujeito que também sofreu com o processo colonizador. Fica claro que a medida que os caboclos vão sendo invisibilizados, eles também perdem espaço dentro dos seus locais de pertencimento.

Como citado anteriormente, a relação destes indivíduos com a manutenção da terra está perfeitamente ligada à atribuição de inferioridade que foi lhes dado dentro do processo de colonização. É necessário que se olhe com mais cuidado para a região e esta população que sofre até hoje com os resquícios da violência pré e pós conflito no Contestado.

Referências

CORDEIRO, Juciara Ramos. **O Contestado do século XXI: ocultação da pobreza e invisibilidade cabocla**. 2021. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

RADIN, José Carlos; CORAZZA, Gentil. **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense**. Chapecó, Ed. Universidade Federal Fronteira Sul, 2018.

RAMOS, Gracinda Clara Pereira. **A formação do território de Santa Catarina com base na concessão de terras públicas**. 2006. 281 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense**. 1990. 415 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

VALENTINI, Delmir José; RADIN, José Carlos. **Camponeses no sertão catarinense: A colonização da região do Contestado nas primeiras décadas do século XX**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo. Julho. 2011.